

A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo

Glauco Barbosa Cardoso

I Doutor em Ciências Sociais (USP) e Professor-titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Em 2004, publicou Introdução às teorias da cibercultura (Editora Sulina). Email: frudiger@puccrs.br

Resumo

Sennett desafia o leitor a decidir se a flexibilização do capitalismo moderno oferece um ambiente melhor para o crescimento pessoal ou se é apenas uma nova forma de opressão. Ele apresenta uma série de reflexões acerca das novas condições de trabalho que se impõem, vinculadas ao atual modelo capitalista e à lógica neoliberal. É proposto, pelo autor, avaliarmos o quanto essas condições de trabalho afetam as relações sociais e o próprio trabalho.

Abstract

Sennett defies the reader to decide if the flexibilização of the modern capitalism offers a better environment for the personal growth or if it is only one new form of oppression. It presents a series of reflections concerning the new conditions of work that if impose, entailed to the current capitalist model and the neoliberal logic. It is considered, for the author, to evaluate how much these conditions of work affect the social relations and the proper work.



160

Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas de burocracia e também os males da rotina sem questionamentos. Pede-se aos trabalhadores que sejam produtivos, estejam abertos a mudanças em curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais. Desse modo, o mundo atual do trabalho pede uma dedicação tão intensa porque os critérios de sucesso perderam seu contorno de estabilidade e nunca podemos dizer se permaneceremos em ascensão no trabalho. O fato de se não alcançar a fama ou destaque é quase sempre interpretado como sinal de fracasso e de ausência de habilidade pessoal. Assim, a flexibilidade exigida das pessoas (trabalhadores) rompe com os modelos tradicionais de conduta, podendo mergulhar os indivíduos na perplexidade e na confusão, absolutamente dependentes da indicação de caminhos a serem seguidos.

Sennett nos leva a um cenário de época, em que o trabalho e a vida eram lineares, baseados no aprofundamento das relações sociais e em valores como a ética. Além disso, eram tempos em que o sistema burocrático regulava os ganhos de riquezas e minimizava a desigualdade, e podia-se contar também com um certo paternalismo estatal e da força sindical. Ele faz essa apresentação, de forma romântica, utilizando o personagem Enrico, que trabalhava como faxineiro, e seu trabalho – limpar banheiros – tinha um objetivo único e perene: servir à família. Compara o personagem Enrico e seu modelo de trabalho com seu filho “Rico”, que 20 anos depois se apresenta no mercado, inserido no modelo capitalista flexível.

A partir disso o autor faz um paralelo, evidenciando a grande diferença entre a época de Enrico e a época atual, do cotidiano de Rico, onde a organização do tempo é fator de fundamental influência sobre a vida emocional das pessoas dentro e fora do ambiente de trabalho. Argumenta, dessa forma, que hoje não se dá mais espaço para o longo prazo. As pessoas mudam de emprego e de tarefas várias vezes durante sua vida profissional. Tudo orientado pela atual lógica mercadológica, na qual a agilidade na mudança institucional leva a um maior retorno financeiro.

A criação dos laços sociais profundos não ocorre, porque não há valorização do “longo prazo”, condição básica para o estabelecimento de experiências compartilhadas. Sendo assim, o esquema de curto prazo corrói a confiança, a lealdade e o compromisso e produz trabalhadores cada vez mais acuados em meio à instabilidade. Também ocorre o comprometimento da consciência de classe, uma vez que se constrói em razão da convivência e sentido de comunidade do trabalho. Essa fragilidade nos laços sociais é também consequência da flexibilidade exaltada no modelo atual.

Dessa forma, a ética do trabalho também sofre por falta da densidade das experiências, consequência da falta de sentido no adiamento da satisfação, já que as mudanças rápidas e radicais, características do modelo capitalista flexível, não propiciam o ambiente que daria sentido a este adiamento.

Sennett afirma que a instabilidade e a incerteza, sempre estiveram presentes na história humana. A grande diferença é que nos dias atuais elas aparecem sem nenhum desastre iminente; as tensões estão ao nosso lado diariamente. Essa evidência desperta nos trabalhadores o que Sennett chamou de um sentimento de deriva, que seria a falta de propósito em relação ao presente e de perspectivas futuras. Ou seja, a nova realidade econômico-social não permite que aconteça a realização almejada por esses trabalhadores, ao mesmo tempo em que corrói no indivíduo as qualidades que criam os laços entre os seres humanos e lhes conferem uma identidade sustentável.

O modelo de trabalho moderno critica a rotina, acusando-a de degradar o trabalho. Sennett defende a rotina, afirmando que ela também pode proteger: uma vida de impulsos momentâneos, de ações de curto prazo e sem rotinas que se sustentem. Na verdade, é uma existência irracional, sem objetivos nem propósitos. Se considerarmos a rotina como degradante, estaremos associando-a à própria essência do trabalho e colocando em risco de obstrução o progresso moral da sociedade.

Hoje se defende que o ser humano livre e em processo de evolução é aquele aberto às mudanças e de fácil adaptabilidade. Sennett manifesta que a nova economia, baseada na extinção da rotina, na flexibilização do tempo e dos processos, trai esse desejo de liberdade. De fato, em vez de libertar, criaram novas formas de controle, mais sutis, mas presentes no que chamou de ficções do trabalho – artifícios a serviço do exercício da dominação (trabalho em equipes, “flexitempo”, recursos tecnológicos, etc.).

Sennett fala sobre risco, demonstrando que este se tornou desnorteante e deprimente. Ele adverte ainda a respeito de que uma grande diferença dos dias atuais é que o risco tornou-se algo a ser enfrentado diariamente pelas massas e, assim, para se estar no circuito, é necessário gostar de viver na incerteza. Correr riscos, deixando de lado experiências passadas partilhadas e realizações e talentos pessoais, é viver no limite. Mas para Sennett um dos perigos de se permanecer no contínuo estado de vulnerabilidade reside no fato de que a

exposição ao risco pode corroer o caráter do trabalhador; à medida que as coisas mudam diariamente, estamos sempre começando do zero, e instala-se uma situação de vale-tudo. “O risco é bem diferente de um alegre cálculo das possibilidades contidas no presente” (p. 96). Estar em risco é predominantemente mais deprimente que promissor, devido ao estado de incerteza.

A desvalorização das experiências passadas, que deixam de ser uma proteção contra as novas situações, é outro foco importante abordado por Sennett. A experiência virou motivo de desabono, e essa convicção põe em risco nosso senso de valor pessoal, que parece esvaziar-se à medida que o tempo passa. Sennett argumenta que a carreira constrói o caráter, porém o abalo no sentimento de utilidade reduz o senso de que contamos como pessoa, de que somos necessários aos outros e, como consequência, enfraquece-se nossa ligação com o mundo e nosso senso de responsabilidade.

Ao final, Sennett busca o resgate do princípio de dependência mútua, como elemento básico de qualquer ligação social. O capitalismo moderno, ao afirmar a necessidade da flexibilidade e estimular o correr riscos, trata a dependência como motivo de vergonha. Não existe mais carreira, existem apenas projetos, de duração limitada. Hoje, estou com uma equipe e amanhã posso estar com outra, ou até mesmo trabalhando como consultor autônomo. Para o autor, “um regime que não oferece aos seres humanos motivos para ligarem uns para os outros não pode preservar a sua legitimidade por muito tempo” (p. 176).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter : as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.

Rio de Janeiro: Record, 1999. 204p.